



ENTRE O SUJEITO E O ESPAÇO: a imagética da imigração no conto “interlúdio em San Vicente” de João Silvério Trevisan

Francisco Pereira Smith Júnior¹ & Francisca Andrea Ribeiro da Silva²

INTRODUÇÃO

Pensar a imigração é uma atividade que possui a capacidade de envolver o ser pensante em contextos variados, pois ao compreender tal aspecto é visitamos outros campos de saberes: é possível vislumbrar o contexto histórico, social, cultural, político, psíquico, entre outros. Dessa forma, a imigração é um fenômeno, que para ser compreendido, necessita de um olhar interdisciplinar, em que se saiba refletir sobre o que é a migração, o imigrante e o emigrante. Devemos buscar entender que a migração é um processo maior que envolve os outros dois processos: a imigração e a emigração, os quais são indissociáveis, um não existe sem o outro. Porém, é fundamental entendermos as peculiaridades de cada processo e sua principal diferença, que está no ponto de referência. O emigrante será assim considerado pela sociedade de emigração e o imigrante assim será visto pela sociedade de imigração.

Só se conhece o que se tem interesse em conhecer, entendese apenas o que se precisa entender, a necessidade cria o conhecimento; só se tem interesse intelectual por um objeto social com a condição de que esse interesse seja levado por outros interesses, com a condição de que encontre interesse de outra espécie (SAYAD, 1998, p. 16).

Vale destacarmos que as causas da imigração variam conforme o tempo, o espaço e as circunstâncias. Tenhamos como exemplo a imigração no Brasil. Acrescentou-se aos nativos os portugueses (com objetivos colonialistas) e os africanos (numa migração forçada). Em outras épocas, foi chegando, em busca de melhores condições de vida, imigrantes de várias nacionalidades. Hoje é um país híbrido e as imigrações se dão por muitos fatores (interesses financeiros, educacionais, turismo, etc), próprios da pós-modernidade.

Além do Brasil ser um local de destino de muitos imigrantes também é um espaço de emigrantes, que são motivados por diferentes razões. O conto que será analisado adiante retrata a situação de um imigrante brasileiro na Argentina. Então, vamos adentrar no universo literário, buscando compreender a imigração, a partir das situações vividas por esse personagem imigrante.

DIÁLOGOS MIGRATÓRIOS EM “INTERLUDIO EM SAN VICENTE”, de João Silvério Trevisan

¹ Francisco Pereira Smith Júnior é Professor Adjunto II da Universidade Federal do Pará, campus Bragança - UFPA.

² Francisca Andrea Ribeiro da Silva é Mestranda do Programa de Pós-Graduação Linguagens e Saberes na Amazônia – UFPA

O conto “Interlúdio em San Vicente”, de João Silvério Trevisan relata a chegada de um imigrante ilegal na cidade de San Vicente e sua posterior estadia nesta cidade assim como as dificuldades enfrentadas por ele nesse novo espaço.

O enredo do conto começa com a imagética da chegada do nosso protagonista à cidade de San Vicente, às sete da manhã, como descreve o narrador. E seu primeiro contato com esse lugar foi pela janela do trem ao expor a cabeça para fora e sentir os ares da cidade: úmido e frio. Nesse momento, o personagem sentiu que ali era mesmo o lugar de seu destino. Nota-se, assim, que o personagem já tinha conhecimento do clima da cidade, por ter percebido, pelo o contato com o ar, que era a cidade que pretendia desembarcar. É relatado, ainda, que a viagem não foi fácil por ter passado fome e medo. Daí, sugere-se que o medo foi causado pelo temor de ter a viagem interceptada pelo fato de estar buscando entrar um país de forma ilegal, sem o visto, caso houvesse uma fiscalização no trem. E a fome demonstra a precariedade das condições financeiras na qual se encontrava esse viajante, o qual, supostamente, pertencente à classe subalterna.

A tensão cresceu ao atravessar a fronteira, mas que logo veio o alívio ao ouvir as boas vindas, ditas em espanhol. Em seguida, começou a observar a paisagem: “planícies molhadas, verdes e tranquilas vacas holandesas, as casinhas de pedra escura” (TREVISAN in RUFFATO, 2007, p. 209). Tudo lhe parecia inusitado, próprio de quem vislumbra o novo. A sensação que teve foi de que San Vicente era um lugar muito distante de sua terra, apesar do narrador deixar claro que a distância entre o local de origem e de destino não era extensa, como notamos no seguinte trecho: “Apesar de estar ali tão próxima” (TREVISAN in RUFFATO, 2007, p. 209), parecendo ser mais distante que a Europa. O local de origem do personagem é o Brasil, de onde saiu fugido. No conto não é relatado o motivo da fuga. Porém, podemos sugerir, conforme o que é elencado por Ianni (2004, p.93) quando se refere aos motivos das migrações no século XX: “O século XX tem sido um século de migrações, pelos quatro cantos do mundo, em todas as direções. São desempregados, desabrigados, refugiados, perseguidos, desamparados”. No caso do personagem em questão, sugere-se que se encontra, na narrativa, como refugiado ou perseguido, já que saiu fugido de seu país, caracterizando, assim, em uma migração forçada.

O imigrante, refugiado ou perseguido, mostra agora, diante desse novo ambiente, uma construção paradoxal em relação aos seus sentimentos a esses primeiros contatos às paisagens, que a chegada lhe proporcionava, pois ao mesmo tempo que lhe parecia inusitado ia percebendo uma intimidade com o local. Esta sensação dita como secreta foi construída a partir da criação imaginária que ele fez da cidade mesmo antes de conhecê-la, ela já fazia parte de seus sonhos e de suas expectativas. Podemos dizer que essa idealização é, também, uma forma de migrar. Uma migração metaforizada a partir das migrações do outro e, assim, criam-se as expectativas sobre o local imaginado:

[...] Mesmo aquele que nunca saiu do seu lugar, enraizado por gerações, mesmo esse, no contraponto com o migrante recente ou antigo, sente-se desafiado pela viagem do outro, recente ou pretérito. Esse é um estado de espírito que perpassa a percepção e a atividade, o modo de ser e a subjetividade de uns e outros. Aquele que vai e aquele que fica, o que chegou e o que estava, todos sentem-se em viagem, real ou imaginária, literal ou metafórica, presente ou pretérito; vagando no futuro. (IANNI, 2004, p. 99)

Então, percebemos que com o personagem do conto ocorreu, primeiramente, a migração imaginária e, posteriormente, a real. Menezes (2007, p. 106) considera essa migração imaginada como uma dimensão simbólica (espaço psíquico), que é mais ampla, sendo a condição humana limitada. Assim, a capacidade de uma viagem simbólica é infinita, múltipla, gerando inúmeras possibilidades de experiências subjetivas. Tais

experiências são consideradas por Menezes (2007) como reais: “O subjetivo também é real e, para além do subjetivo, o símbolo é real” (p.110). O personagem imigrante do conto vivenciou essas duas viagens.

Na viagem não simbólica, à medida que ia avançando no novo território, sensações iam lhe invadindo a alma: enternecimento (comoção pela chegada), alívio por estar superando as dificuldades da viagem e uma breve esperança de que sua vida iria melhorar, na ilusão de que agora estaria em um território seu, já que estava adentrando em terras que já residiam como estrangeiros muitos dos seus compatriotas, como se pode verificar no trecho: “Afinal, queria buscar a certeza de que apenas voltava para o meio de irmãos por tanto tempo ausentes, estrangeiros.” (TREVISAN in RUFFATO, 2007, p. 210). Logo, em seguida, um sentimento oposto lhe invadiu, como se deixasse o olhar romântico de lado e enxergasse a realidade, percebendo que na vida de um imigrante não há como esquecer os obstáculos que terá que enfrentar. Porém, sentia-se, naquele momento confiança de que tudo daria certo. Mas esse sentimento não durou por muitos minutos, logo a tensão lhe invade, por ouvir “polícia”. De fato, a polícia interdita a via e todos os passageiros são obrigados a descerem, sem saberem o porquê daquela ação. Todos são revistados, inclusive malas e bolsas de mão. O terror invade o íntimo do personagem, ao imaginar inúmeras possibilidades do que poderia lhe acontecer, ainda mais ao observar as metralhadoras dos policiais. Depois soube o motivo dessa ação policial, percebendo não haver perigo para ele, já que os policiais procuravam supostas armas de guerrilheiros e que o país corria o risco de um suposto estado se sítio. Nesse ponto da narrativa, há uma crítica aos países da América Latina, quanto às situações de guerra interna presente em boa parte dos países desse continente. Pode-se verificar isso através do pensamento do personagem imigrante: “Pensou que sim, aquela era a América Latina”. E, também, através do pensamento percebemos uma reflexão feita pelo personagem, de quão é difícil aos brasileiros sentirem-se latino-americanos. Dessa forma, colocando em cheque a identidade dos brasileiros enquanto latino-americanos, por não se sentirem pertencentes a certos universos característicos desse povo.

O discurso do narrador vai erigindo um ambiente característico de San Vicente ao relatar sobre a neblina grossa e da chuvinha fina, a qual para o imigrante era estrangeira, estranha, no sentido de se sentir desterritorializado naquele lugar, tendo em vista o território como espaço de identificação cultural. Vale destacar que o personagem, ao sair de seu país, também passa por esse processo de desterritorialização, pois ao sair fugido, ele perde seu território. Para melhor entender esse processo, veja-se o que Haesbaert (2005 in FERREIRA e PACELLI) afirma sobre a desterritorialização do migrante:

Podemos sintetizá-la em quatro grandes perspectivas: uma que parte da noção de território como dimensão físico-econômica da vida humana; outra, que vê o território como base de ordenamento político da sociedade; uma terceira, que parte da ideia de território como espaço de identificação cultural; e uma quarta, a mais totalizadora, que vê o território como uma espécie de “experiência integral” do espaço pelos grupos sociais. (p. 35)

O personagem se via destituído de seu lugar e de suas paisagens de origem e, ao mesmo tempo, não sentia que San Vicente fazia parte da sua identidade, tudo lhe sendo estranho. Portanto, o personagem sentia-se duplamente desterritorializado. É bom destacarmos, outrossim, que o personagem imigrante sentia-se, além de desterritorializado, em um conflito interno, na psique: seus sentimentos são contraditórios, como demonstramos anteriormente. Há, nele, uma alternância de satisfação e medo. Isso vai sendo revelado na maior parte da narrativa, em que há a mudança muito rápida desses sentimentos: o medo (de ser reconhecido como imigrante

ilegal) e o estranhamento do outro e de tudo que o envolve vão interrompendo a satisfação da chegada e das dificuldades superadas durante a viagem.

Mas isso não o impede de ir seguindo seu objetivo. Uma vez feito o desembarque, vai em busca de um hotel barato, já que suas condições financeiras não lhe permitem maiores regalias. Ao se defrontar com as pessoas na rua, vai percebendo as minúcias do comportamento do outro, como a vestimenta e a pressa que têm essas pessoas. E, depois, começa a se questionar sobre onde e como estariam seus amigos que um dia fizeram esse mesmo trajeto. Seu pensamento não consegue vislumbrar um bom desfecho para eles, como se percebe nas perguntas: "... onde estariam, vivos? torturados? destroçados?" (TREVISAN in RUFFATO, 2007, p. 211), como que um medo de que as respostas, que ele supunha negativas, fossem uma espécie de vidência para o seu futuro, que era incerto.

Sentiu-se desprotegido, desamparado, mas ao mesmo tempo buscou ser forte para a tristeza não vir fazer morada em seu peito. Então, andava depressa, como que tentando fugir do passado, mas não conseguia, pois esse passado o envolvia por meio do que enxergava ao redor: "As casas eram antigas, os carros soltavam fumaça e ensurdeciam com seus motores ancestrais, e homens velhos cruzavam por ele, incomodamente reais como uma luz que ofuscava" (TREVISAN in RUFFATO, 2007, p. 211). O estrangeiro andava sem destino em busca de um hotel que lhe fosse conveniente, mas hesitava em perguntar a alguém, pois temia falar em sua língua. Com isso, verificamos que um dos fatores complicadores na vida de um imigrante é a não fluência na língua do país (da sociedade imigrante) em que se encontra, pois dificulta a comunicação, a interação e, portanto, a integração desse imigrante nessa sociedade. Para o personagem imigrante do conto, o qual se está analisando, a dificuldade era ainda maior pelo medo de ser reconhecido como estrangeiro de situação ilegal.

Finalmente, o personagem encontra um modesto hotel para se hospedar, o qual foi recebido por uma mulher que percebeu que ele era brasileiro logo após ele ter tentado se comunicar. Nisso percebemos a língua enquanto um fator importante na construção da identidade, pois o personagem foi reconhecido pela sua fala.

A senhora foi acolhedora, dando as boas vindas ao estrangeiro e afirmando a ele que não encontraria nada melhor e mais barato para se acomodar, em um discurso argumentativo para convencê-lo da hospedagem e, assim, ele aceitou a proposta. Apesar das condições precárias do hotel (lençol com cheiro de mofo e móveis antigos), ele dormiu até ao meio dia. Ao acordar, sentiu-se mais uma vez desolado, ouviu um rádio ao som de um merengue e anúncios em espanhol. Essas sensações auditivas lhe causaram estranheza, achando, até certo ponto, ridículo. Isso mostra que não só o imigrante sofre preconceitos vindos da sociedade de imigração, mas ele também é preconceituoso, tendo rejeição, de certa forma, à língua e à cultura da sociedade de imigração. Isso é provocado pela desterritorialização do imigrante, a qual já se referiu acima. Sobre a ideia de preconceito, Menezes (2007) discorre que:

A ideia 'pré-concebida' permite aos membros de uma cultura fazer o esforço para entender (não para julgar) os valores e o estilo de vida de outra. Como tentar sequer entender o Outro sem um ponto de partida? O ponto de partida, 'o preconceito', é fundamental. Será o Outro um humano como eu? Será um extraterrestre dotado dos mesmos valores? O quanto o Outro é parecido e/ou diferente 'de mim' é o pré-conceito a que me refiro. 'Eu' sou a referência inicial. Meu grupo é a referência que vem a seguir e como nos conduzimos na vida é o que vai determinar a aceitação da diversidade ou a intolerância à diferença que nos habituamos a chamar, equivocadamente, de preconceito. (p.108)

Segundo essa concepção, há um equívoco em relação ao uso do termo "preconceito", pois costumamos usá-lo para nos referirmos à intolerância à diferença e

não entendemos que o preconceito faz parte de um processo de conhecer o outro, de entender, numa análise do outro sem julgamentos, como faz os antropólogos. O mundo seria melhor se fôssemos um pouco de antropólogos: pois esses, num esforço da alteridade, buscam compreender outras formas de viver, sem o olhar de julgamento. Isso não foi possível com o personagem do conto, tanto ao vislumbrar as diferenças, que lhe causavam estranheza, quanto ao ser visto como o estranho naquele espaço. Mas “[...] o choque cultural é inevitável no processo migratório, quando os pré-conceitos precisam se abrir à revisão ou toda a personalidade deve se preparar para os mecanismos de defesa frente à adaptação ou resistência à mesma” (MENEZES, 2007, p.109).

E assim foi acontecendo com o personagem do conto. Durante o almoço (que foi no próprio hotel), o personagem ouviu da senhora que lhe servia, as dificuldades financeiras em que passava o povo de San Vicente, em que ela citava dos preços altos e da dificuldade de se comprar carne. Nisso, percebe-se que o estrangeiro vai tendo contato com a realidade daquela cidade, que era a decadência. Tal decadência é metaforizada pela decoração do hotel, com móveis que se mostram velhos, mofados e ultrapassados, assim como a economia daquele lugar.

Com isso, sugere-se que o autor revela ao leitor que nem sempre a sociedade de imigração supre as necessidades e expectativas do imigrante, que migra em busca de melhores condições de vida, imbuído de sonhos, os quais, muitas vezes, transformam-se em decepções. Vale lembrar que, diante dessas adversidades, a permanência (mesmo que passageira) do imigrante na sociedade de imigração se dá como uma provação, como uma forma de resistência, como forma de provar a si e ao outro que conseguirá seus objetivos.

Voltando o olhar para o enredo do conto, após o almoço, o personagem imigrante resolveu buscar encontrar a casa de um senhor, o qual tinha o endereço escrito em um papel. Encontrou o local, mas não a pessoa, a qual retornaria após dois dias. Nesse percurso realizado até a essa casa, deparava-se com fumaça de carros e de uma atmosfera que ele recusa-se identificar com a decadência. No trecho: “As árvores pingavam pesadas gotas frias sobre sua cabeça acostumada ao calor e ao suor” (TREVISAN in RUFFATO, 2007, p. 212), verificamos que o narrador põe em contraste os climas da sociedade de imigração e da sociedade de emigração, revelando a dificuldade que o imigrante tem para se adaptar a um clima diferente ao que já estava acostumado. Mais uma vez nota-se esse sentimento de quem se encontra desterritorializado.

Desolado, sem saber o que fazer, ele resolve sentar-se em um banco de um parque. Nesse momento, o temor retornou, pois percebeu soldados que se espalhavam por entre as árvores. Um dos soldados se dirigiu até ele e gritou. Ele apenas conseguiu dizer que era brasileiro, numa tentativa de defesa, de tanto medo que sentiu. E mais gritos se dirigiam a ele (“Y por que no te paravas, carajo?”), e quando percebeu estava com uma arma voltada para si. Foi revistado e arguido sobre o que fazia naquele local e que ele como turista não podia ficar caminhado por lá. Disso, depreendemos que não é nada fácil ao estrangeiro, pois é vítima de preconceitos, tratado como um malfeitor e com a dignidade ferida:

[...] De permeio permeio com a luta pelo o emprego, o crescimento do desemprego conjuntural e estrutural, a busca de residência, escola, saúde e outras condições básicas de vida, emergem e ressurgem idiosincrasias raciais de todos os tipos; são xenofobias, etnicismos, racismos e fundamentalismos que se exacerbam, nascem ou renascem em várias das sociedades do “primeiro mundo”, assim como do “terceiro” e, inclusive, ex-“segundo” mundos. Em pouco tempo, as nações que haviam lutado contra o nazi-facismo descobrem e redescobrem que também contém intolerâncias e fundamentalismos de cunho nazi-facismo. (IANNI, 2004, p.96)

Essas intolerâncias no conto são sentidas pelo personagem do conto. Além do mais, tal fato demonstra uma relação de inferioridade do imigrante diante do nativo, pois este revela ter em seu imaginário uma construção de identidade dos brasileiros de forma pejorativa, construída como argumenta Orlandi (2008) dos imaginários que os outros constroem em relação aos brasileiros, enquanto pertencentes a um país colonizado:

Qual a concepção de brasileiro desses textos e como essa concepção vai trabalhando tanto a exclusão como a fixação de certos sentidos que produzem um imaginário que coloca no brasileiro uma marca de nascença que funcionará ao longo de toda a sua história: o discurso colonialista. O que significa “ter sido” colonizado em um discurso que funciona para que seja essa uma marca a-histórica e de essência. (p. 55)

Portanto, Orlandi (2008) cria uma definição para o brasileiro pautada na sua origem, prolongando a situação de subalternidade mesmo após o período colonial e verificado até os dias atuais, estabelecendo esse fator como essência da brasilidade. Essa visão, como se pode ver no conto, é traduzida em atitudes, no caso, a ação do soldado, mesmo sendo um latino-americano, agiu de forma brusca e preconceituosa. Temos verificado, através de vários relatos e experiências de imigrantes, que o tratamento dado ao imigrante não-europeu é inferior em relação ao que acontece ao imigrante europeu. Sobre essa discussão Menezes (2007) também relata sobre essas atitudes perante alguns imigrantes, dizendo que “[...] Frequentemente coloca-se sob suspeita os imigrantes dessa ou daquela origem. O imigrante é facilmente visto como marginal, privado de cidadania [...]” (p.119).

Diante desse episódio por que passou o imigrante do conto, o mesmo resolveu, no dia seguinte, passar boa parte do tempo no hotel, por se sentir sem rumo e por não ter a disposição de enfrentar o frio e a chuva. Mas ao fim da tarde, resolveu sair à procura do nada, numa posição de alguém sem destino e sem alternativa. Entrou em um bar, tomou um café e sentiu que não possuía o gosto do café que tomava em sua pátria. Essa comparação denota saudades de seu lugar. Típico de um imigrante, sentia que não podia ficar triste, teria que ser forte, pois teimava em acreditar em um futuro melhor, pensando que o pior já passara. Essa sensação de se sentir forte é uma autoimposição do imigrante, como uma maneira de não se vê derrotado, evitando retornar ao seu lugar de origem sem ter conseguido seu objetivo. É uma maneira de provar, a si e ao outro (no caso, seus compatriotas), que ele venceu.

Ao sair do bar, retornou a caminhar, agora com a sensação de que ele fazia parte da realidade de miséria daquela cidade: “... não podia rejeitar a maldição como uma estranha, porque estava positivamente ali, entre os malditos” (TREVISAN in RUFFATO, 2007, p. 213-214). Já na cama do hotel, buscava se refugiar daquele momento que para ele era um pesadelo.

No terceiro dia, retornou à casa do suposto amigo. Quando lá chegou, foi recebido por um rapaz. Ao se identificar e procurar pelo amigo, o rapaz mostrou um temor. Ambos saíram caminhando pelo parque e este informou que não diria nada, porque não poderia se comprometer com a polícia. Então, o imigrante agradeceu e se foi. Depois lembrou de um conhecido de um velho amigo. Buscou uma lista telefônica e conseguiu se comunicar com ele. A frase que lhe foi dita, “sí, por supuesto, tanto gusto” (TREVISAN in RUFFATO, 2007, p. 215), lhe alvoroçou, fazendo-o perceber o quanto estava embebecido na solidão e que aquelas palavras lhe massagearam a alma, já que o ser humano é um ser comunicável, necessita interagir. No caso dos imigrantes isso é muito forte, pois várias barreiras impedem tal interação com pessoas da sociedade imigrante. As dificuldades são diversas: o preconceito, em casos mais extremos a xenofobia, o choque entre culturas, a língua, entre outras adversidades.

No conto, o imigrante numa tentativa quase desesperadora de conter a dor da solidão, de receber um gesto de afeto, dirigiu-se rapidamente ao endereço conseguido “e no caminho foi tropeçando com o sentimento de que estava só” (TREVISAN in RUFFATO, 2007, p. 215). Lá foi bem recebido por um senhor. Logo nas primeiras palavras trocadas, o anfitrião mostra a visão que tem do Brasil: “... Ay que divino país el suyo. La gente brasileña, que bela gente, Dios. Y la samba, me encanta, me encanta” (TREVISAN in RUFFATO, 2007, p. 216). Nota-se, nessa fala, a visão arquetípica que se tem do Brasil: o país do samba, resultado das propagandas turísticas, pois as mesmas buscam vender a imagem do Brasil a partir de algumas características que reduzem um país a determinadas peculiaridades que são convenientes à propaganda, tanto institucional quanto governamental. Nesse sentido verificamos que “não é o discurso do Brasil que define o brasileiro, é o discurso sobre o Brasil” (ORLANDI, 2008, p. 56), em que notamos que não somos (enquanto brasileiros) o que somos, mas somos o que o outro nos faz sermos: cria-se um imaginário apoiado em particularidades e singularidades: no caso o país do samba. Sob o mesmo raciocínio, é verificado que, em relação a San Vicente, é destacado como idiosincrasias desse lugar a música: as canções folclóricas, as harpas das sinfonias, como singularidades desse lugar.

Durante a conversa do anfitrião com o imigrante, é mostrado, também, na fala do anfitrião, a San Vicente de outrora, que era desenvolvida e que naquele momento os bons tempos já não existiam, falando da miséria em que se entrava a cidade.

Depois de ouvir as canções, foram jantar, servido pelo cozinheiro Arturo: pratos típicos e vinho. Isso causou uma paz interior no imigrante. Este percebeu em Arturo um toque feminino e concluiu que o cozinheiro era homossexual quando, assim, Arturo lhe dirigiu a palavra: “ – Así que a usted también le gustan los muchachos...” (TREVISAN in RUFFATO, 2007, p. 217). O visitante se sentiu sem jeito, mas Arturo lhe afirmou que ele não se preocupasse, pois não haveria sugestões inconvenientes, mas disse que poderia presenteá-lo, desde que houvesse um sim. Os dois se olharam sem um sim, mas também não disse um não.

Depois, Arturo ficou nos gestos sonhados e fantasias. Sugere-se que a realidade estava por chegar e que o visitante resolve aceitar o presente e toca a campanha e apresenta-se: “ – Buenas noches. Me llamo Antonio” (TREVISAN in RUFFATO, 2007, p. 218). Somente neste ponto da narrativa é apresentado ao leitor o nome do imigrante. Isso pode ser deduzido da seguinte maneira: a hipótese é que antes de ter um contato com pessoas, de interagir, ele era um imigrante, o qual seria o arquetípico do imigrante, seja ele na Argentina ou qualquer outro lugar do mundo, representaria um modelo em que as situações vividas se encaixam em quase todos os imigrantes, tendo praticamente as mesmas dificuldades e em situações semelhantes e, a partir daquele momento, ele deixou de ser o arquetípico e se individualizou por passar a ter uma interação mais pessoal, íntima. Esse acontecimento não é característico das situações vivenciadas por imigrantes, mas uma situação particular, que se fez presente na vida do personagem Antonio.

A outra hipótese em relação a ser nomeado ou não, pode estar relacionado à condição em que se encontrava o personagem. Enquanto não era nomeado estava envolto a situações de desolamento, ou seja, desterritorializado. E, no momento em que é nomeado, o processo é inverso: o de reterritorialização breve, pois nessa etapa sentia-se acolhido, não mais em solidão, mas numa confiança momentânea de felicidade.

Quando Antonio entra é bem acolhido: “ – El cuarto ya está listo. Ponganse cómodos. Y tu, Antonio, sé com el señor. No, no agradezca, señor, es que quiero mucho a los brasileños. Passe usted, passe, passe.” (TREVISAN in RUFFATO, 2007, p. 219).

Foram dormir, cada um em seu cômodo, mas o cozinheiro sentia o desejo de tocar a pele morena e sentia o cheiro de Antonio, agora descrito como um jovem índio. Então, Aturo pediu um abraço. Antonio cedeu “E foi único e longo e jamais esquecido o abraço daquela noite.” (TREVISAN in RUFFATO, 2007, p. 219)

No outro dia, Antonio decidiu partir numa decisão segura, como um imigrante que é, um ser em trânsito, em sua certeza de adiante encontrar um futuro promissor. Assim é o desfecho deste conto, afirmando o conceito de migrante articulado por Octavio Ianni (2004): “O migrante pode ser visto como aquele que foge e busca, é tangido e extraviasse, ambiciona e frustra-se, resigna-se e realiza-se. [...] Parecem tangidos por uma força desconhecida, simultaneamente histórica e telúrica” (p.93). Antonio estimulado pelo desejo do novo, do alcance de seus novos objetivos, reconhece, em poucos dias, San Vicente (que fora uma referência de chegada) como um ponto de partida, em busca de novas experiências. Entre esses dois pontos (de partida e de chegada) existe o caminho, o qual deve ser revisto e corrigido pelo migrante para se refletir sobre o destino. Assim, voltando-se, também, para o caminho e não apenas enxergar esses pontos, como em uma viagem de trem, observando somente as estações, faz-se necessário o migrante observar o caminho, o curso para então, corrigi-lo, como afirma Menezes (2007, p. 106).

Vale lembrar, que nessa narrativa, não se observou na psique do personagem principal, Antonio, a chamada crise de identidade (ser ou não ser imigrante), pois tal crise se constitui a partir de uma estadia considerada longa na sociedade de imigração em que, principalmente os transmigrantes:

[...] organizam e criam múltiplas e fluidas identidades, buscadas simultaneamente em suas sociedades de origem e nas adotivas. Enquanto alguns migrantes identificam-se mais com uma sociedade do que com a outra, a maioria parece desenvolver várias identidades, relacionando-se simultaneamente com mais de uma nação. (IANNI, 2004, p. 97)

Antonio, em San Vicente, não teve tempo para essa crise se firmar, até porque a narrativa possui uma duração de quatro dias. Tempo não suficiente para experimentar todos os dramas (psicológicos, sociais, políticos) vivenciados, geralmente, por imigrantes que já se encontram há mais tempo nessa situação. Tais dramas resultam no que Sayad (1998) chama de ilusão de uma presença necessariamente provisória. Isso em relação à sociedade de imigração. Em relação à sociedade de emigração, ocorre o que o autor designa como ilusão de uma ausência igualmente provisória. O imigrante que vivencia essa ilusão, na verdade, encontra-se em paradoxo, numa “dupla ficção: a ficção de uma volta que se sabe impossível e a ficção de uma naturalização ambígua” (SAYAD, 1998, p. 20), que consiste em não se saber se é um estado provisório que se quer prolongar ou se é um estado duradouro, mas que se vive em um forte sentimento de provisoriedade.

Os imigrantes buscam se convencer de que sua situação é provisória. E as comunidades de origem acreditam, também, nessa provisoriedade, alimentando um retorno. Já a sociedade de imigração busca acreditar, conforme determinados interesses, que o provisório será definitivo, desde que o imigrante se encontre em uma situação de subalterno, inferior na hierarquia social, estando em um lugar à margem. Isso aconteceu com o personagem imigrante do conto, quando foi abordado pelos soldados e foi repreendido por estar passeando no parque, como que não pertencia a ele desfrutar de um passeio no centro da cidade, de um lugar social, deixando bem claro qual deveria ser o posicionamento do imigrante naquele país, no caso a Argentina. Esse posicionamento da sociedade de imigração se dá com o intuito do imigrante perceber que, naquele espaço, ele é apenas um imigrante e como tal não possui o direito pleno de cidadão, mas um direito parcial como trabalhador, no caso de quem migra por trabalho. E isso é para que fique claro que ele não possui o direito à reivindicação, como afirma Sayad:

[...] um “não-nacional” que, a este título, só pode estar excluído do campo político. Política e polidez, e sem dúvida mais a polidez do que a política, exigem semelhante neutralidade, que é também chamada de “obrigação de ser reservado”: a forma de polidez que o estrangeiro deve adotar e que ele se sente na obrigação de adotar – e, no limite, ele só deve adotar essa polidez porque se sente obrigado a adotá-la -, constitui uma dessas malícias sociais [...] (1998, p. 57)

Essa atitude é discriminatória, possuindo resultados muitos desastrosos na vida do imigrante, fazendo com que o mesmo sempre se sinta deslocado, não-acolhido, visto como alguém que não mereça o devido respeito, como um intruso, não sendo respeitado na sua individualidade, como um ser que sempre estará ocupando um lugar que nunca será seu de fato e isso será sempre lembrado pela sociedade de imigração.

O personagem do conto representa simbolicamente uma coletividade. Várias pessoas no mundo são imigrantes e já passaram por muitas situações difíceis de adaptação à sociedade de imigração, sobretudo de aceitação por parte dessa sociedade. Situações essas que geraram em muitos indivíduos imigrantes a sensação de não pertencimento em lugar nenhum, vitimadas pelo preconceito (linguístico, cultural), pela xenofobia, pelos problemas de inclusão, de exploração do trabalho.

Porém, não podemos deixar de falar das contribuições econômicas, sociais e culturais que as migrações cederam, pois, o contato entre povos gerou e, ainda gera uma miscigenação profícua: povos que se hibridizaram, no caso do Brasil, resultando em uma cultura rica, misturada e autêntica, decorrência dessa união. Economias que se desenvolveram a partir das contribuições de cada povo, cada um com suas habilidades. Nubia Jacques Hanciau (2005) retrata bem o lado positivo das migrações:

Uma perspectiva ‘positiva’ de contato salientaria as inter-relações dos indivíduos, tratadas não em termos de separação ou segregação, mas de presença comum, interação, entendimentos e práticas interligadas, mesmo que frequentemente dentro de relações assimétricas de poder. (p. 135)

No conto analisado neste estudo, é permitido ao leitor vislumbrar alguns desses aspectos do processo de imigração, os quais foram amarrados ao enredo, de forma a causar no interlocutor uma reflexão sobre o assunto através da literatura, a qual possui o poder de mover pensamentos em direção ao mundo do possível em que se mergulha no universo construído pelo autor de forma prazerosa e reflexiva.

REFERÊNCIAS

BHABHA, H. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdfs/rmh/b/_pdf/178691/per178691_1926_15133.pdf. Acesso em: 9 fev. 2012.

BOM, H. **Imigrantes: A saga do primeiro movimento migratório organizado rumo ao Brasil as portas da independência**, 2. ed. rev. e ampl. Nova Friburgo: Imagem Virtual, 2004.

BRAGA, C. M. L. **Memória de imigrantes galegos**. Salvador: CED/UFBA, 1995.

BRASIL. **Ministério Extraordinário para Assuntos Fundiários**. Programa Nacional de Política Fundiária. Legislação agrária, legislação de registros públicos, jurisprudência. Coletânea Elaboração de VALENTE, Maria Jovita Wolney, Brasília, 1983.

BURNS, E. B. **Manaus, 1910: Retrato de uma cidade em expansão**. Separata do Jornal de Estudos Interamericanos, Coral Gables, Florida, USA: Universidade de Miami, v. 7, n. 3, jul. 1965.

- GIRON, L. S. Leituras da imigração. In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA**, 10. 996, Caxias do Sul. Anais... Caxias do Sul: EDUSCS, 1999. p. 116-131.
- HAESBAERT, R. Migração e desterritorialização. In: NETO, H. P & FERREIRA, A. P. (Orgs.) **Cruzando fronteiras disciplinares: Um panorama dos estudos migratórios**. RJ, Revan, 2005, p.35-46.
- HANCIAU, Nubia. Entre lugar. In: FIGUEIREDO, Eurídice. (Org.). **Conceitos de Literatura e Cultura**. Juiz de Fora, UFJF, 2005, p.25-141.
- IANNI, Otávio. **O imigrante. Capitalismo, violência e terrorismo**. RJ, Civilização Brasileira, 2004, p. 91-101.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Civilização e Cultura. Terra à vista. Discursos do confronto: Velho e novo mundo**. 2ª ed. Campinas, SP, Unicamp, 2008.
- PERES, H. P. **A inexistência da terra firme**. A imigração galega em São Paulo (1946-1964). São Paulo: EDUSP; Fapesp; Imprensa Oficial do Estado, 2003.
- PRADO, E. **A ilusão americana**. 6. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 2005.
- REVISTA DO ARQUIVO NACIONAL**. Breves Reflexões sobre o Problema da Imigração urbana. O caso dos Espanhóis no Rio de Janeiro (1884-1914). Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 183, jul./dez. 1997.
- RICHMOND, A. H. **Immigration and ethnic conflict**. London: the Macmillan Press Ltda, 1988.
- ROCHA, Ilana Peliciari. **Imigração internacional em São Paulo: retorno e reemigração, 1890-1920**. 2007. 176f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- RUFFATO, L. (org.). **Entre nós**. Contos brasileiros, coletânea I, RJ, 2007.
- SANTIAGO, S. **Uma Literatura nos trópicos**. Ensaios sobre dependência cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SANTOS, Miriam de Oliveira. Os estudos históricos sobre migração no Brasil. In: FERREIRA, Ademir Parelli (Org.). **A experiência migrante**. Entre deslocamentos e reconstruções. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 99-101.
- SAYAD, Abdelmalek. **A imigração: ou os paradoxos da alteridade**. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SASAKI, E.; ASSIS, G. O. Teorias das migrações internacionais. In: **ENCONTRO NACIONAL DA ABEP**, 12. Caxambu (MG), 2000. Anais..., Campinas: ABEP, 2000.
- SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SCHULZ, J. **O exército na política: origens da intervenção militar, 1850-1894**. São Paulo: EDUSP, 1994.
- SCOTT, A. S. V. **As duas faces da imigração portuguesa para o Brasil** (décadas de 1820-1930). 2001. (Paper apresentado ao Congresso de História Econômica de Zaragoza)
- SEYFERTH, G. Imigração e (re)construção de identidades étnicas. In: POVOA NETO, H; FERREIRA, A. (Org.) **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 17-34.
- SIQUEIRA, J. L. F. **Trilhos: o caminho dos sonhos**. Memorial da Estrada de Ferro de Bragança. Bragança: Prefeitura Municipal de Bragança, 2008.
- SOUSA, I. I. **Espanhóis: história e engajamento**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006. (Série Imigrantes no Brasil)

VIDAL, J. P.; MANRESA, R. I. **La utopia obrera**. Historia del movimiento de los trabajadores españoles. Barcelona, Espanha: Flor del Viento, 2002.

Artigo Recebido em: 30 de agosto de 2015

Artigo Aceito em: 26 de maio de 2016